

LYGIA BOJUNGA E O LEITOR EM FORMAÇÃO

Rosânia Alves Magalhães (UFU/PPGLET)

rosanimag@hotmail.com.br

Resumo: Este trabalho reflete sobre a obra de Lygia Bojunga, *Seis vezes Lucas* (1995), tomando por base a análise de Laura Sandroni, em seu livro *De Lobato a Bojunga: as renações renovadas*, de 1987. A narrativa é dividida em seis capítulos, a saber, “Lucas e a Cara”; “Lucas e o Cachorro”; “Lucas e a Lenor”; “Lucas e o Terraço”; “Lucas e a Coisa”; “Lucas, e agora?”. Os quais mostram como o personagem principal lida com a questão do medo de ficar sozinho, com as decepções provocadas pelo pai, mentiras e traições e outros episódios. O objetivo desse trabalho é analisar a questão do medo na obra da referida autora, bem como, identificar os artifícios utilizados pela autora, que servirão de meio de aproximação entre sua narrativa e o leitor em formação. Como exemplo, podemos citar a fusão da fantasia e do real, e a linguagem empregada na narrativa em questão.

Palavras-Chave: Medo; Leitor em formação; Lygia Bojunga.

O presente artigo é resultado de uma apresentação oral no “III Colóquio de Estudos em Narrativas: A Literatura Infantil e Juvenil ainda uma vez...” (CENA III) do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia. E tem como objetivo desenvolver uma análise da narrativa *Seis vezes Lucas*, de Lygia Bojunga, publicada em 1995, tomando por base a análise de Laura Sandroni, em seu livro *De Lobato a Bojunga: as renações renovadas*, de 1987.

Têm como objetivos específicos, analisar a questão do medo na obra da referida autora, bem como, refletir sobre os artifícios utilizados pela autora, que servirão de meio de aproximação entre sua narrativa e o leitor em formação. Como exemplo, podemos citar a fusão da fantasia e do real e a linguagem empregada. Para tanto, o trabalho está dividido em duas partes. A primeira contempla a história da Literatura Infantil, sua função, o contexto de seu surgimento. Aborda também o surgimento de uma nova Literatura Infanto-Juvenil. Além de, tratar do fantástico na literatura, segundo a perspectiva de Tzvetan Todorov (2008). Faremos também, nesta primeira parte uma breve bibliografia da escritora Lygia Bojunga. Já a segunda parte, reflete sobre o livro “Seis Vezes Lucas” e a formação do leitor. Acredita que este trabalho seja de importante relevância, porque a autora trata de questões que lidam com os problemas cotidianos de crianças e jovens adolescentes, vista sob a perspectiva das próprias crianças. Através de uma linguagem acessível e rica. A narrativa é dividida em seis capítulos, a saber, “Lucas

e a Cara”; “Lucas e o Cachorro”; “Lucas e a Lenor”; “Lucas e o Terraço”; “Lucas e a Coisa”; “Lucas, e agora?”. Os quais mostram como o personagem principal lida com a questão do medo de ficar sozinho, com as decepções provocadas pelo pai, mentiras e traições e outros episódios.

Para Cunha (1999), literatura infantil deve ser o marco inicial para formação pessoal e cultural da criança. Segundo a autora, a literatura infantil surgiu a partir da ascensão da burguesia, no século XVIII. Até então, os livros infantis não exerciam nenhum fascínio pela leitura na criança, visto que, não existia um espaço reservado à infância, daí suas histórias eram vistas do ponto de vista do adulto e não da criança.

A história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança pelo que deveria passar a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que as preparasse para a vida adulta. (CUNHA, 1999, p.22)

Inicialmente, como a criança era vista como um adulto em miniatura, os primeiros textos infantis resultaram de adaptações de textos escritos para os adultos. A partir de então, a literatura infantil que havia se iniciado no séc. XVII, com a introdução das fábulas de Charles Perrault, na França e dos irmãos Grimm, na Alemanha começa a dar passos largos, frente à sociedade burguesa. A literatura infantil, no Brasil iniciou-se no séc. XIX, sendo considerado o maior clássico da Literatura Infantil Brasileira, Monteiro Lobato por considerar a criança, suas fantasias, aventuras e travessuras os maiores motivos de inspiração para sua obra. Neste tipo de produção se observam tendências, tais como, a do realismo, a da fantasia que abre possibilidades de questionamentos de problemas sociais, a exploração de fatos históricos, dentre outros.

Segundo Hunt (2010), apesar dessa definição não ser muito prática, porque envolve todo texto lido por uma criança, a Literatura Infantil pode ser definida como “livros lidos por; especialmente adequados para; ou especialmente satisfatórios para membros do grupo hoje definido como crianças” (HUNT, 2010, p.96). A literatura influencia na formação da criança, tendo como finalidade educar, orientar e servir de lazer. Além disso, pode ajudar a criança compreender ou até resolver problemas de socialização, afetividade, despertar o gosto pela leitura e acelerar o desenvolvimento intelectual deste leitor em formação. Através desse mundo mágico e fantasioso que é apresentado nas histórias, nas tramas, através dos personagens, a literatura serve de instrumento

fundamental para ampliar a visão de mundo desse jovem leitor.

Porém, é necessário se ater na escolha dos livros que serão oferecidos a crianças. Muitas escolas oferecem aos seus alunos, clássicos infantis que estão distantes da realidade da criança, além da linguagem que pode não ser muito vezes, apropriada não possibilitando, dessa forma, uma contribuição significativa para um determinado público leitor. Mas, atualmente, com o surgimento de uma nova literatura infanto-juvenil, dedicada especificamente às crianças e jovens adolescentes, somando a crescente conscientização de escritores que consideram a capacidade de apreensão das crianças e jovens, surgem cada vez mais obras literárias, com temas voltados para esse leitor em formação, que trazem histórias fictícias, poemas, diários e que têm despertado possíveis amantes da literatura.

Outro aspecto, a ser observado é a questão do fantástico empregado na obra literária. A esse respeito Todorov (2008), afirma que “O fantástico pode ser caracterizado pela incerteza, “(...) se define, pois, com relação aos (conceitos) de real e de imaginário”. Para o autor, a hesitação do leitor é condição essencial para caracterizar o fantástico. Tal poderá ser representada através da experiência da personagem, desta forma o papel do leitor é, por assim dizer confiado a uma personagem e ao mesmo tempo a hesitação encontra-se representada, torna-se um dos temas da obra. Como também pode não o ser, estando à hesitação situada apenas no leitor, apesar de esta situação ocorrer raramente nos textos fantásticos. E continua Todorov (2008), o fantástico não pode aparecer na literatura poética, pois se, ao ler um texto recusamos a representação e consideramos cada frase como pura combinação semântica, o fantástico, enquanto hesitação não ocorrerá, já que não se faz, no texto, nenhuma relação questionadora com a realidade ou o sobrenatural. Além da barreira poética, há, também, a alegórica. Sendo, a literatura fonte de estímulo a imaginação, uma vez que, propõem fantasia e distração, abre novos horizontes e transmitem valores as crianças.

A literatura infantil brasileira caracteriza-se por uma habilidade de misturar o real e a fantasia. Lygia Bojunga Nunes que trabalhou durante muito tempo para o rádio e a televisão, antes de se apresentar como escritora de livros infantis em 1972. É uma escritora que alcança de forma fluente entre o coloquial e o monólogo, uma perfeita interação com o seu leitor.

Após abandonar sua carreira de atriz, Lygia passou 10 anos escrevendo para rádio e televisão. "... naquele tempo escrever/criar

personagens era, pra mim, uma forma de sobreviver e de poder construir a casa que eu queria pra morar (a Boa Liga); só depois, quando eu abracei a literatura, é que eu me dei conta que escrever/criar personagens era muito mais que um jeito de sobreviver: era – e agora sim! – o jeito de viver que eu, realmente, queria pra mim.¹

Vários são os pontos em comum entre Lygia Bojunga e Lobato, podemos citar linguagem inovadora, o livre trânsito entre fantasia e realidade, dentre outros fatores que veremos em uma análise mais detalhada do livro *Seis Vezes Lucas*, tendo como ponto de apoio o livro *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*, de Laura Sandroni, publicado em 1987. Porém, há peculiaridades de Lygia que torna sua obra fundamental para a Literatura Infanto-Juvenil, como por exemplo, se em Lobato a preocupação maior era discutir as questões do “mundo adulto” com as crianças, em Lygia, um dos focos principais é discutir as questões da criança com o mundo adulto. É colocar os conflitos do dia-a-dia sob o olhar da criança. E uma das obras que melhor exemplifica essa preocupação é o livro *Seis vezes Lucas*, publicado pela primeira vez em 1995. Ele o mesmo formato e cor das demais obras editadas pela Casa. A capa, criada pela própria autora, traz um enorme ponto de interrogação, cujo pingô revela um olho assustado, como se estivesse a espiar por um buraco de fechadura.

Os seis capítulos do livro mostram seis momentos na vida de Lucas, um menino de idade não divulgada. Abordam a luta contra seus medos, o seu relacionamento com os pais e os conflitos matrimonial dos seus pais, provenientes do ciúme gerado pelas aventuras extraconjugais do marido.

No primeiro capítulo do livro, Lygia trabalha com o tema da máscara. Afim de, vencer o medo de ficar sozinho, em casa, Lucas molda uma máscara com massa de modelar e a coloca no rosto.

O dedo cava um olho e depois cava mais outro, e aí rasga uma boca, e depois levanta um nariz, e olha que coisa engraçada! a massa agora é uma cara, e ainda por cima é uma cara que o Lucas gosta de olhar (...). Foi empurrando de levinho o canto da boca, querendo ver se a cara ria. Mas assim, de canto de boca empurrado, a cara pegou um jeito que o Lucas, mesmo sem saber por que, achou logo que era jeito-de-quem conquista; um jeito que ele também quis ter. (NUNES, 1998, p.16-17)

¹ Disponível em: <http://www.casalygiabojunga.com.br/pt/lygiabojunga.html>. Acesso: 05-03-1.

A máscara funciona para Lucas como uma espécie de camuflagem, a qual é chamada de “cara”. Quando Lucas veste a máscara, ele se transforma naquilo que o pai quer que ele seja, um outro “eu”. Um “eu” mais forte, mais corajoso. A idéia de modelar a máscara surge no momento em que, a criança está em casa sozinha, está chovendo, já é noite, e ela sente medo. A solução encontrada é transformar-se em um outro, capaz de vencer os medos e os conflitos com os quais não consegue lidar: “Puxou o cabelo pra frente, tapando o pedaço onde a massa acabava; e agora, um era tão o outro, que o Lucas marchou decidido pra sala”. (NUNES, 1998, p.18).

No quarto capítulo também, a máscara ajudará o garoto, a ter coragem de denunciar o pai à sua mãe. “O Lucas ajeita a máscara: _Se eu fosse você eu não ia. _ Por quê? _Por que que você vai dançar com o pai se ele não gosta de você? _ Não gosta de mim?? _ Não. Ele gosta é da Lenor.” (NUNES, 1995, p.91).

A professora de arte ao colocar a máscara no rosto descobre o efeito que, um outro “eu” causa.

A Lenor pegou a máscara com cuidado e grudou ela na cara. Foi se olhar num espelho que tinha em cima da pia. Ficou olhando. Intrigada. Perturbada. Pensando, então as máscaras fazem mesmo isso com a gente? Se eu fico me olhando com essa cara, eu começo a me sentir feito essa cara?. (NUNES, 1995, p. 67)

Como observamos acima, o sujeito original ao criar uma imagem ficcional e substituído por alguém capaz de ser aquilo que o pai queria que ele fosse. É o que faz o nosso Lucas, ao criar um personagem de si mesmo. Segundo Sandroni (1997), a autora antropomortiza os objetos de uso diário, certa de que esse tipo de linguagem é mais fácil a compreensão infantil. “A Literatura Infantil trabalhando com a linguagem simbólica, dá à criança respostas a seus conflitos, possibilitando vivenciá-los em seu imaginário e com isso sugerindo soluções que a levarão ao amadurecimento psicológico”. (SANDRONI, 1997, p.73). Lygia com seu conhecimento de que, a criança está no plano da fantasia, permite que seus textos tenham com ela total identificação apresentado máscaras falantes, cachorros com sentimentos humanos.

Verifica-se também que os sentimentos adquirem características concretas e o medo pode ser vencido: “Foi dando vontade de chorar. Apertou a boca, ele não ia deixar sair soluço nenhum; apertou o olho: lágrima também não saía, pronto! ele ia ser um cara pro Pai não botar defeito; ele ia ser um herói! O Pai não tinha dito, herói é quem vence os medos que tem?” (NUNES, 1995, p. 13).

Outro aspecto observado por Sandroni (1997), na obra de Lygia é o que ele chama de *concretização da metáfora*. Segundo a autora, onde percebemos melhor a integração de Lygia com a forma de pensamento infantil é na maneira como ela trabalha com as metáforas. Como nos exemplos a seguir: “A cara foi saindo do espelho e o Lucas foi com ela pra sala.” (NUNES, 1995, p.22); “E quando, mais tarde, o Pai entrou apressado no quarto, a tal pergunta que dava sempre marcha à ré não saiu pela boca, mas saiu pelo olho: e o cachorro, pai? Mas não é todo mundo que entende pergunta de olho.” (NUNES, 1995, p.31); “De tonelada de chocolate no braço e de olho no Pai, o Lucas sentiu a tal coisa apertando o peito, doendo na garganta.” (NUNES, 1995, p.32); “[...] saiu correndo pra garagem, armou um pulo que só mesmo o pânico sabe armar, entrou voando pela janela aberta do carro e caiu no banco de trás.” (NUNES, 1995, p.47); “Era a primeira vez que a Lenor chamava de meu bem, e foi só ouvir o *bem* que o coração do Lucas fez um passo de dança.” (NUNES, 1995, p.63); “Quanto mais ele olhava pra porta, mais ele ia achando que ela era uma porta triste”. (NUNES, 1995, p. 73); “A música nasceu de novo. E com força.” (NUNES, 1995, p. 88). O universo metafórico de Lygia Bojunga Nunes é tratado por Sandroni (1997), como de grande riqueza polissêmica possibilitando dessa forma, várias leituras.

Uma delas é a leitura crítica com relação ao contexto social que ela tematiza. No decorrer da narrativa, é possível nos depararmos com questões que lidam com o problema da autoridade, vista sob a perspectiva da própria criança.

Ela assume como seus, de forma extremamente sensível, as angústias e os problemas existenciais da infância frente ao adulto que se crê dono de todas as verdades. Como em Lobato, o protagonista-criança deixa de ser mero espectador/ouvinte/aprendiz e passa a ser agente da ação. Ela, sendo a narradora direta ou indireta de todas as histórias, expõe sempre o que pensa e discute os comportamentos sociais que lhe parecem falsos e absurdos, dando possibilidade ao surgimento de novos conceitos que valorizam a verdade, a fantasia, o lúdico e os caminhos da liberdade endereçadores do conhecimento de si mesma e do mundo. (SANDRONI, 1997, p. 108)

Através de uma linguagem acessível e rica, Lygia põe a nu o autoritarismo que as permeia. Sandroni (1997), menciona em seu texto que a família e a escola são agentes privilegiados da opressão que o adulto exerce sobre a criança, tendo como argumento a proteção. Na narrativa, em questão fica evidente a figura opressora do pai que fazia o menino acreditar que ele não deveria ter medo.

O Lucas largou o espelho e saiu correndo: o jeito era chamar a tia Elisa, pedir pra ela vir voando. Pegou o telefone e começou a discar. Mas o Pai ia acabar sabendo que ele tenha tido medo outra vez de ficar sozinho. [...] Mas o Pai ia chegar, ia olhar pro solzão de luz acesa, ia ver que tinha morrido de medo e. bom, então o jeito era ter um cachorro. Pra contar pro cachorro tudo que é medo que ele tinha. Isso! O cachorro era o único que nunca, NUNCA ia sair espalhando o medo que ele sentia. Começou a pensar que bom que ia ser ter um cachorro. (NUNES, 1995, p.15)

Outro episódio que envolve a figura do pai na narrativa, digno de menção é quando o pai para se vê livre da insistência do menino, em ganhar um cachorro, mente que o presentearia com um, em seu aniversário. “_ No teu aniversário você ganha um. Mas com uma condição: você agora vai parar de falar em cachorro, ta?” (p.29). Porém, no dia do aniversário do Lucas o pai não cumpre com o combinado.

E o cachorro, pai, cadê? cadê! _ Que cachorro, meu filho? _ O Cachorro que você ia me dar no dia do meu aniversário: CADÊ? O Pai ficou procurando um cachorro na lembrança e, quando encontrou, meio que riu: _ Ora, filho, eu disse aquilo pra você parar de falar em cachorro. (NUNES, 1995, p.33)

Para Sandroni (1997, p. 109), “O Pai é a palavra do Poder. O repetidor das estruturas ideológicas montadas”. Além disso, a autoridade não permite qualquer tipo de contestação. Isso fica claro na narrativa, ao verificarmos a posição da mãe do garoto, diante das atitudes arbitrárias do pai.

_ Mãe... _ Hmm. _ Tá chovendo. _ É. _ E tá fazendo vento também. _ Daqui a pouco passa, meu bem. _ Eu to com medo de ficar aqui sozinho. _ Não vamos começar outra vez com isso, não é, meu amor? Você não viu a cara de teu pai no jantar? Ele não gostou nadinha de ver você falando de novo que tem medo. (NUNES, 1995, p.12)

Outro exemplo de submissão da mãe, em relação às atitudes do pai, é quando o pai se desfaz do presente de aniversário (o cachorro) do Lucas, sem remorso.

E foi só o Lucas se virar e a porta de trás fechar que, pronto: o Pai já tinha largado o Timorato na estrada, já tinha entrado no carro e batido a porta e ligado o motor. O carro andou. _ O Timorato, pai! _ o Lucas gritou. A Mãe se virou assustada. O olho arregalado. Mas a mão tapando a boca. [...] olhou pra Mãe: por que que ela não dizia nada? Por quê! Então *ele* ia dizer. Mas continuou escorregado. (NUNES, 1995, p.50-51)

Lygia Bojunga considera que, no centro da fantasia da escrita está a criança, muitas vezes sozinha e abandonada, sempre sensível e ao mesmo tempo rodeada de magia. Por isso, o fantástico não se manifesta em suas narrativas como algo alienante, mas como veículo que possibilite ao leitor em formação mergulhar dentro de si, através de uma identificação com seus personagens e vencer seus medos, suas angústias e lidar com seus problemas reais. Em “Seis Vezes Lucas”, Lygia mostrar sob um olhar psicológizante, a infidelidade, os conflitos matrimoniais, a figura autoritária do pai. Enfim a autora trata de temas relacionados aos adultos, porém, sob o ponto de vista impotente – mas esperançoso – da criança. Através da antropomortização dos objetos de uso diário a autora possibilita a criança uma identificação com essa escrita fantasiosa e a realidade que o cerca. Além disso, há uma integração de Lygia, com a forma de pensamento infantil através da concretização das metáforas. Por meio destas, a autora trata de questões que lidam com o problema da autoridade, vista sob a perspectiva da própria criança. Através de uma linguagem acessível e rica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONJUNGA, Lygia. **Seis vezes Lucas**. 4. Ed. – Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2005.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e prática**. 18. ed. São Paulo: Ática, 1999.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Trad. Cid Knipel. Ed. Ver. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga: as renaixências renovadas**. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica: Teoria da Literatura**. Debates. Editora Perspectiva, 2008. Disponível em: <http://litteraeinextremis.blogspot.com.br/2009/03/introducao-literatura-fantastica_19.html> Acesso em: 01-03-13.